

# humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA  
MCMLXXI-MCMLXXII



terísticas do pensamento esquiliano, a saber, «os perigos da prosperidade» (1). Sobre este ponto, porém, o A. toma uma posição que não será, talvez, a mais geralmente aceita, ao admitir a possibilidade destes versos serem ditos pela própria Níobe. Se assim fôr, o fragmento terá de pertencer, forçosamente, a uma fase adiantada da tragédia, pois sabemos por Aristófanes (*Ranae*, vv. 911-913) que Níobe e Aquiles (numa outra peça), segundo um processo muito esquiliano, permaneciam longamente em cena sem proferir uma só palavra (*γυύζοντασ οὐδέ τινι*).

No tocante à cronologia das tragédias de Sófocles, Webster é de opinião que a semelhança de temas ou de tratamento da intriga é um indício seguro para o seu estabelecimento: «It seems likely (and it certainly seems to work with Euripides) that plays which deal with the same kind of problem or which share the same general approach to their subject-matter are unlikely to be far apart in time of composition» (p. 21). Segundo este critério, a *Electra* de Sófocles teria sido representada em 413, muito depois da de Eurípides, e um ano antes da *Helena*: portanto, numa data que a aproxima do *Filoctetes* (409), com o qual apresenta grandes semelhanças de estrutura, tratamento da intriga, métrica e técnica do diálogo (vd. p. 22).

Mas é a respeito do último dos três tragediógrafos que este trabalho nos traz mais novidades, pois «in recent years, as earlier, papyri have given us more information about Euripides than about either of the other two tragic poets» (p. 28).

C. A. L. F.

ROBERT ÉTIENNE, *La vie quotidienne à Pompéi*. Paris, Hachette, 1966, 486 pp. com ilustrações.

PIERRE GRIMAL, *Les jardins romains*. Paris, Presses Universitaires de France, 1969, 516 pp. com ilustrações e 32 gravuras extratexto.

*The Greek Stones Speak* é o título sugestivo de um «paper-back» publicado há anos nos Estados Unidos da América do Norte (2). Título expressivo, dissemos, que poderíamos bem acrescentar, *mutatis mutandis*, ao do excelente livro de

---

(1) P. 7. Os versos, em que esta ideia aparece expressa, eram já conhecidos por uma citação de Platão, *A República*, 2, 380a:

«Deus faz surgir uma falta no homem,  
quando quer arruinar por completo uma casa.»

(Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, *A República*. Introdução, tradução e notas de... Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1972, p. 93).

(2) Paul MacKendrick, *The Greek Stones Speak*. New York, A Mentor Book, 1966.

R. Étienne sobre o dia a dia da massacrada cidade de Pompeios. Ficariamos, assim, com uma obra cujo nome muito ao gosto dos séculos passados — *A vida quotidiana em Pompeios ou as pedras de Pompeios falam* — em nada desmentiria o seu conteúdo.

Robert Étienne dispensa apresentação entre nós como alhures, pois é bem conhecido de quantos se dedicam às coisas da Arqueologia. De facto, quando em 1964 se iniciaram as escavações em Conimbriga, era ele mesmo quem, juntamente com o Dr. J. M. Bairrão Oleiro, se encontrava a dirigi-las (1).

Deste modo, como verdadeiro arqueólogo que sabe ser, R. Étienne não se confina ao seu gabinete de estudo: antes, enfrenta a canícula de um Verão *conimbrigensis*, e da poeira das escavações colhe aquela prática e saber tão necessários a quem, como ele, pretende dar vida às pedras que o tempo corroeu e a mão do homem delapidou. É por isso, também, que, ao escrever sobre Pompeios, lhe é fácil «remet- tre en mouvement cette ville, aujourd'hui aux deux tiers dégagée, et d'en faire connaître les travaux et les peines, les joies et les jeux» (p. 7).

*La vie quotidienne à Pompéi* é, portanto, uma obra *indispensável*, não apenas como guia do eventual visitante de Pompeios, senão também como fonte de informação de como se vivia nessa cidade nos anos que precederam a terrível erupção do Vesúvio de 24 de Agosto de 79 d.C.

Não menos atraentes e instrutivos são «Os Jardins» de Pierre Grimal. Profusamente ilustrada com desenhos e excelentes extratextos, e enriquecida com uma abundante bibliografia (pp. 463-486), esta obra, completa por assim dizer, o livro de Robert Étienne (2), ao historiar a evolução da arte de jardinagem entre os antigos Romanos: há pouco era o bafo escaldante do céu da Campânia que nos envolvia; agora é a fresca das fontes de Roma que nos deleita...

Mas não cuide o provável leitor de *Les jardins romains* que encontrará, nesta obra, apenas jardins: é que Pierre Grimal, a propósito do tema que trata, ocupa-se, além do mais, não só da casa romana e da influência do culto pela natureza na arquitectura e decoração (pp. 203 e ss.), como dos reflexos desta arte na literatura (pp. 357 e ss.).

Em suma: eis duas obras capazes de insuflar vida, onde o comum dos mortais não vê senão ruína e morte

C. A. L. F.

---

(1) *Conimbriga*. Rev. do Inst. de Arqueologia da Fac. de Letras da Univ. de Coimbra, vol. IV, 1965, p. 116: «Em 1964 iniciaram-se em Conimbriga escavações luso-francesas. Promovidas pelo Museu Monográfico de Conimbriga e pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Bordeus [*sic*], estas escavações, dirigidas pelo Prof. Robert Étienne e pelo Dr. J. M. Bairrão Oleiro, respectivamente, catedrático de História Romana daquela Faculdade e director daquele Museu, devem durar cinco anos.»

(2) Vd. *La vie quotidienne...*, pp. 277-318.